

“SEGUNDA CHAMADA”: UMA ANÁLISE DA REPRESENTAÇÃO ESCOLAR E DOCENTE SOB O VIÉS DA TEORIA DA REPRESENTAÇÃO SOCIAL DE SERGE MOSCOVICI

Mariana Cajado de Oliveira (IC) e Milena Colazingari da Silva (Orientador)

Apoio: Escolher um item.

RESUMO

O artigo aqui apresentado objetiva discutir as relações entre a Teoria da Representação Social de Serge Moscovici e o modo como o professor e a escola são dados a conhecer na série televisiva **Segunda Chamada**. Em termos metodológicos o estudo envolveu duas fases: o estudo da Teoria da Representação Social elaborada pelo autor mencionado, além do acompanhamento sistemático de onze episódios da série, transmitida pela Rede Globo, em sua primeira temporada. Neste estudo acredita-se que ao analisarmos um programa televisivo de ampla audiência, como a minissérie da Globo, **Segunda Chamada**, sob o viés da representação social, somos levados a questionar e a buscar compreender: Quais representações acerca da educação, da escola, dos professores e do alunado a série dissemina? Como a visão da figura do docente transmitida pela série pode influenciar o imaginário social acerca das funções docentes? O resultado da pesquisa indica que o professor apresentado na série mescla a imagem do herói, que luta pela escola e pela formação dos seus alunos, mesmo em condições extremas de trabalho, ao mesmo tempo que emerge o profissional mal remunerado, que atua profissionalmente em um ambiente hostil e que pouco lhe oferece em termos de condições materiais. A escola pública é retratada em meio às suas dificuldades financeiras, do mesmo modo que os alunos da Educação de Jovens e Adultos são apresentados no contexto de suas batalhas cotidianas, que envolvem o enfrentamento da sua condição econômica e de pertencimento social.

Palavras-chave: representação social, professor, educação.

ABSTRACT

The article here presented aims to discuss the relation between The Social Representation Theory developed by Serge Moscovici and the way teacher and school are introduced on the TV serie **Segunda Chamada**. In methodological terms, this study had two phases: the study of The Social Representation Theory elaborated by the mentioned author and through the systematic follow-up of the eleven episodes in the serie, broadcast by Rede Globo, in its first season. In this study it is believed that when we analyze a TV program with wide audience, like the Globo miniseries, **Segunda Chamada**, under the bias of the social representation, we are taken to question and try to understand: What representations of teacher, students and

school are disseminated? How can the view of the teachers brought into account in the episodes influence the popular opinion? The result of this research shows that the profile of the teacher introduced in the serie merges the hero image, that one who fights for education and the well-being of the students even under poor conditions at work. Besides that, it is combined with the underpaid worker who works in hostile environment, and who receives poor material conditions. The public school is pictured amidst financial difficulties as well as the students of Educação de Jovens Adultos are presented in their daily struggles which includes economic conditions and social belonging.

Keywords: social representation, teacher, education

1. INTRODUÇÃO

Os discursos que envolvem a construção da imagem docente são variados e estão dispersos nos mais diferentes suportes com os quais nos deparamos cotidianamente, são textos jornalísticos, acadêmicos, propagandas, novelas, músicas, filmes, documentos jurídicos, materiais didáticos (CHAVES, 2016), e terminam por compor uma malha de processos de subjetivação. A mídia e os meios de comunicação divulgam outros modos de entender o mundo, a educação, a escola e a docência. Assim, emergiu o questionamento: como é representado o docente nesses espaços que produzem os discursos?

A proposta deste artigo envolve o interesse em produzir um estudo que investigue as relações existentes entre a produção audiovisual, manifestada por meio das produções cinematográficas, televisivas e pelos atuais streamings, e as representações sociais. Esta última fundamentada na Teoria das Representações Sociais, elaborada por Serge Moscovici (1978). Tais produções, dadas a conhecer por meio dos meios de comunicação de massa, ocupam um papel significativo na construção da realidade social, visto que:

tanto reproduzem essa realidade, representando-a através de seus diferentes discursos, quanto a modificam, reconstruindo-a por meio de uma interferência direta em sua dinâmica, em seu funcionamento. (CODATO, 2010, p.48).

As séries de TV ou filmes são expressões culturais que nem sempre podem ser fidedignas e imparciais, pois as representações não são totalmente neutras, segundo Chartier (1988), o que nos traz a preocupação inicial de compreender como as produções audiovisuais, voltadas para o grande público, podem manifestar estas representações.

A Teoria das Representações Sociais, desenvolvida por Moscovici (1978), une aspectos da sociologia e da psicologia afirmando que, quando representamos um objeto, não apenas o repetimos, mas sim, há uma reconstituição, um retoque e também a modificação de seu texto, o que, segundo Santos (2010), fornece uma base para a constituição de uma ciência coletiva que interpreta tudo aquilo que é real.

Assim, o que é representado proporciona a elaboração de teorias de senso comum, estando relacionado a um tempo, uma cultura e um espaço, como fruto de interações sociais. De tal forma, as exibições divulgadas nas esferas comunicacionais e midiáticas permitem que horizontes sejam ampliados, culturas sejam construídas e que as pessoas possam enxergar as situações, instituições e personas representadas de novas maneiras.

Ao relacionarmos o conteúdo das exibições midiáticas, em seus diversos formatos (cinema, programas de televisão, documentários...), com a área da educação, enxerga-se a necessidade de se identificar que tipo de representações são produzidas e dadas a ver ao seu público. Este público, por sua vez, merece ser estimado, considerando-se as plataformas de divulgação e horários de exibição do produto audiovisual em questão.

O estudo aqui apresentado se fundamentou na análise da série **Segunda Chamada**, exibida pela Rede Globo, em seus onze primeiros episódios. O enredo conta o dia a dia na fictícia Escola Estadual Carolina Maria de Jesus, focada nas turmas noturnas de Educação de Jovens e Adultos, o EJA. Além de bastante realística quando à questão do cenário, a obra aborda tanto aspectos do cotidiano escolar, quanto da vida pessoal dos alunos e professores ali retratados (HADDEFINIR, 2019).

Ao relacionarmos a série aqui escolhida para a realização deste estudo, com a Teoria das Representações Sociais, podemos problematizar a maneira como a escola e os professores são representados em uma série de canal aberto, exibida em horário nobre, pode impactar no modo como as pessoas irão estruturar seu imaginário coletivo e seu senso comum diante da profissão docente.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

A teoria das representações sociais

Émile Durkheim foi o primeiro teórico a tratar das representações sociais como “representação coletiva”. Para este sociólogo o pensamento individual deveria ser objeto de estudo da psicologia, enquanto o pensamento coletivo deveria ser investigado pela própria sociologia, visto que as leis explicativas dos fenômenos sociais diferenciavam-se das leis que explicam os fenômenos individuais. De acordo com Durkheim, as representações coletivas constituem fato social, sendo resultado dos acontecimentos sociais. Assim, as representações coletivas resultam de uma consciência coletiva (CRUSOÉ, 2004).

Serge Moscovici, psicólogo social francês, buscou na sociologia a contraposição ao pensamento individualista presente na psicologia social norte americana. Para Moscovici (1978 apud CRUSOÉ, 2004), a representação social deve ser compreendida como fruto da sociedade e da cultura, mas também deve ser observada sob a perspectiva do sujeito autônomo. Em sua obra, Moscovici procurou compreender as representações sociais como construção de conhecimento simultaneamente individual e coletivo e, portanto, situando-se teoricamente na fronteira de conceitos

sociológicos e psicológicos. Para Moscovici, de acordo com Alves-Mazzotti (2000, p. 22-23):

não existe separação entre o universo externo e o universo interno do sujeito: em sua atividade representativa, ele não produz passivamente um objeto dado, mas, de certa forma, o reconstrói e, ao fazê-lo, se constitui como sujeito, pois, ao aprendê-lo de uma dada maneira, ele próprio se situa no universo social e material.

Superando a perspectiva individualista da psicologia social norte americana, Moscovici indica a necessidade de se considerar o papel das relações e das interações entre as pessoas, destacando-se o modo como os grupos sociais atribuem significados e reconstituem o real (CRUSOÉ, 2004). Assim, a teoria elaborada por Serge Moscovici toma as representações sociais como conhecimento de senso comum, que indica como os sujeitos interpretam o mundo, ao mesmo tempo que atua como guia de suas ações e comportamentos.

Faz-se importante diferenciar a representação social da mera opinião. Para Moscovici, a representação social consiste em uma teoria coletiva sobre a realidade, baseada em valores e ideias partilhadas pelos grupos sociais, fruto de uma construção que os sujeitos produzem em seu esforço de compreensão do mundo. Essas compreensões serão posteriormente relatadas e transmitidas por meio do diálogo. O diálogo, por sua vez, “permite que determinados conceitos ganhem competência e passem, muitas vezes, a ter um formato enciclopédico” (CRUSOÉ, 2004, p. 5). O conhecimento, fruto do diálogo, manifesta ideias que demonstram o modo como um determinado grupo pensa uma dada situação.

Para melhor contextualizar a representação social, há necessidade de considerar as circunstâncias em que foi produzida. Assim, deve-se atentar para o contexto ideológico e o lugar ocupado pelo indivíduo ou grupo no meio social em que a representação foi gerada. Como afirma Spink (1993, p. 90): “é consenso entre os pesquisadores da área que as representações sociais, enquanto produtos sociais, têm de ser sempre referidas às condições de sua produção.”

A representação social é fruto de uma ação interpretativa do mundo, que termina por orientar os conteúdos da comunicação e os modos de ação dos sujeitos. A prática escolar não está imune a um conhecimento oriundo da interpretação e da comunicação entre os sujeitos. Assim, identificar as representações que permeiam a realidade educacional pode favorecer e enriquecer a análise dessa realidade em questão. A noção de representação social, desenvolvida por Serge Moscovici, nas últimas décadas, desde os anos de 1980, vem sendo destacada devido à necessidade de explicar a importância cultural dos fenômenos sociais de toda ordem,

considerando fatos como cultura, política e economia. Assim, com a extensão do mercado, a ampliação da publicidade e do marketing e a ampliação da tecnologia no fluxo mundial de informações torna-se imprescindível estudar o que parece compor cada vez mais a sociedade e seu sistema de representações simbólicas. Além disso, torna-se cada vez mais necessário observar as formas como os indivíduos pensam a si mesmos e aos outros e quais as formas pelas quais a sociedade, em consenso ou em conflito, constrói as identidades sociais e coletivas, sendo mantidas ou transformadas (JUNQUEIRA, 2005).

As representações sociais sobre a educação, no âmbito das produções audiovisuais

O estudo das representações sociais investiga a formação e o funcionamento dos sistemas de referência que utilizamos para classificar pessoas e grupos e interpretar o que se passa em nossa vida cotidiana. Por sua relação com a linguagem, com a ideologia e com o imaginário social, além de orientar os modos de ação dos indivíduos em meio à sociedade, o estudo das representações sociais é essencial para analisar os elementos que interferem na compreensão dos sujeitos acerca da educação, da escola e do ser professor.

As produções culturais midiáticas contribuem historicamente para que diferentes percepções sobre o que é ser professor sejam divulgadas. Por meio das personagens docentes são difundidas imagens acerca do que é ser professor. De forma positiva ou negativa, as narrativas fílmicas que retratam professores e seu cotidiano, em diferentes momentos históricos, contam trajetórias de sacrifícios e dedicação à profissão (PADIAL, 2010). Sem sombra de dúvidas, o cinema e demais produções audiovisuais impactam a forma como compreendemos a realidade e como ressignificamos nossas vivências.

De acordo com Motter (2004 apud JARA, 2013) o produto televisivo passa a integrar a memória individual em nosso modo de agir no mundo, fato que repercutirá em uma memória de caráter coletivo, ao difundir valores e saberes a um público amplo. Essa memória registra uma determinada época, com seus costumes e valores. Assim, as produções televisivas possuem caráter histórico, como memória que registra, ao longo do tempo, o processo de mudança da sociedade. A autora ainda indica que a realização de estudos que investiguem como a profissão docente é representada pela mídia oferece uma significativa contribuição ao meio acadêmico porque:

a televisão e a escola por ela imaginada são entendidas como elementos dessa cultura, e a produção de significados sobre o que seja ensinar pode trazer contribuições para a reflexão sobre as

relações que perpassam a educação escolar em suas múltiplas formas, desvelando aspectos da própria cultura que a envolve (MOTTER, 2004 apud JARA, 2013).

Quando falamos em veiculações midiáticas, as representações exibidas fazem com que um efeito seja criado em seu público, pois, o espectador encontra nelas um espelho de suas crenças. Uma produção midiática irá trazer personagens que representam grupos sociais, o que levará o público espectador a adicionar certas características ao seu senso comum daquele tipo social, como Moscovici (1978) aborda.

Portanto, ao analisarmos um programa televisivo de ampla audiência, sob o viés da representação do docente, somos levados a questionar e a buscar compreender: quais representações acerca da educação, da escola, dos professores e do alunado a série dissemina? Como a visão da figura do docente transmitida pela série pode influenciar o imaginário social acerca das funções docentes?

Considerando-se a televisão aberta e seu amplo alcance de audiência, nos deparamos com a série **Segunda Chamada**, exibida pela emissora Rede Globo, em outubro de 2019. A Rede Globo de Televisão é maior e mais consolidada emissora brasileira, logo a que recebe a maior parte da audiência e da verba publicitária (MOREIRA, 2012).

A série em questão contou com onze episódios exibidos uma vez por semana, por dez semanas seguidas, tendo por temática a educação básica no Brasil, sob o viés da Educação de Jovens e Adultos, no ensino noturno. Em 2019 a série **Segunda Chamada** foi escolhida como uma das melhores do ano pela Associação Paulista de Críticos de Arte (APCA) compartilhando destaque com o aclamado filme “Bacurau”. Outro ponto relevante é que uma das autoras, Carla Faour, em entrevista ao jornal Metrôpoles, afirmou ter recebido muitas mensagens de professores e alunos elogiando a abordagem realística da série (RIBEIRO, 2019). Tais aspectos, terminam por reforçar a escolha da produção audiovisual aqui apresentada.

A fim de contextualizar a produção audiovisual aqui em estudo, em sua especificidade, deve-se destacar que as séries são um gênero televisivo que incorporam fatos políticos e sociais em seu conteúdo. As histórias são contadas em temporadas, divididas em episódios. Inicialmente surgidas na TV, foram posteriormente adaptadas para a internet e novas plataformas tecnológicas (GOMES, 2021 apud AQUINO; SOUSA, 2017). No Brasil, as produções ganharam maior visibilidade diante das novas plataformas de streaming.

A sinopse da história envolve o retrato do cotidiano de um grupo de professores e alunos do horário noturno de uma escola pública estadual, situada na periferia de São

Paulo. O drama sobre educação aborda diversas questões de ordem social, que afetam a vida cotidiana de alunos e professores, além de retratar o ensino noturno em sua modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA). O enredo mescla situações do cotidiano escolar, aliados ao drama pessoal da vida de alunos e professores. Assim, em um único programa dá-se o tratamento de representações sociais extremamente atuais, envolvendo: o perfil dos professores; o trabalho docente e a realidade cotidiana da escola pública.

Considerando-se o público atingido pelas produções televisivas, por todo o território nacional, indicamos a importância de pensar o que e como estão sendo transmitidas à população, através dos Meios de Comunicação em Massa (MCM), informações que dizem respeito ao cotidiano escolar, visto que tais produções atingem muitas pessoas em um curto espaço de tempo, com a função de informar, divertir, persuadir, transmitir valores e ensinar (ALEXANDRE, 2001).

De acordo com o site TV em Foco (2019), a Rede Globo precisou alterar sua programação, pois percebeu que a escolha do horário da primeira exibição rendeu uma audiência pouco expressiva, sendo beneficiada com a mudança de horário das próximas transmissões. Em termos de audiência, é necessário ressaltar que cada ponto equivale a 73.015 domicílios. O primeiro episódio, com duração de cerca de quarenta minutos, foi ao ar no dia oito de outubro de 2019 no horário das 23h15, após a série de comédia “Filhos da Pátria”, e alcançou 11,8 pontos de audiência, enquanto a saga humorística alcançou 20,9 pontos. O segundo episódio foi transmitido no dia 15 de outubro às 22h30, após a novela das nove, “A Dona do Pedaço”, e antes da série de comédia, com a justificativa de ser uma homenagem ao Dia do Professor, e obteve 22,5 pontos. **Segunda Chamada** manteve seu número de audiência alto, contando com uma média de 21,4 pontos no último episódio e com segunda temporada confirmada pela produção.

A alta penetração do programa frente ao grande público, aliada ao fato da série estar elencada entre as melhores do ano de 2019 pela APCA, bem como o retorno positivo de professores e alunos ao comentarem o conteúdo da mesma, terminam por reforçar a escolha da produção audiovisual aqui apresentada para o estudo da relação entre a educação e suas representações sociais.

De acordo com Spink (1993 apud Jodelet, 1985) as representações sociais expressam um tipo de conhecimento prático presente na “compreensão do contexto social, material e ideativo” (p.300). Elaboradas e compartilhadas socialmente, participam do processo de construção da realidade comum, permitindo a comunicação entre os

homens. Enquanto forma de conhecimento prático, as representações sociais “inserem-se mais especificamente entre as correntes que estudam o conhecimento do senso comum” (SPINK, 1993, p.302). Portanto, espera-se observar que tipo de representação a grande mídia brasileira tem disseminado acerca da escola e do trabalho docente, pois “a preocupação não é mais com o que é comunicado, mas sim com a maneira com que se comunica e com o significado que a comunicação tem para o ser humano” (ALEXANDRE, 2001, p. 112).

Analisar a comunicação, contudo, se faz de extrema importância, pois ela está totalmente relacionada às representações sociais (ALEXANDRE, 2001). Cada palavra transmitida nos MCMs está não somente restrita à semântica, mas também à conexão com o cognitivo que ela cria. Trata-se de cognitivos coletivos e não individuais, como exposto por Moscovici (1978), os quais terminam por compor o ideário social, em um determinado tempo histórico, acerca de um determinado assunto.

A série *Segunda Chamada*: aspectos introdutórios

Segunda Chamada está disponível na Globoplay, sua plataforma digital com streaming de vídeos. Inspirada na peça teatral Conselho de Classe, do dramaturgo Bilac, a série foi escrita e roteirizada por Carla Faour e Julia Spadaccini com contribuições de Bilac e com direção de arte de Joana Jabace. Tanto a peça de teatro quanto a série se apropriaram de aspectos da realidade da educação brasileira em seus processos criativos. A série apresenta a rotina de professores e estudantes da Escola Estadual Carolina Maria de Jesus, representando o cotidiano da Educação de Jovens e Adultos (FERREIRA, 2021).

As autoras buscaram referências no gênero docudrama, para que a abordagem pudesse ser bastante realista (SANTANA, 2019). A diretora buscou fugir de uma cidade cenográfica e procurou por uma locação. O local escolhido foi a Escola do Jockey Clube, em São Paulo, que atualmente encontra-se em estado bastante precário. A equipe, além desta preocupação, afirma ter visitado muitas escolas públicas de ensino noturno e conversado com professores e alunos, a fim de trazer veracidade à obra.

A narrativa de ***Segunda chamada*** é contada de maneira linear e traz flashbacks em relação aos dramas dos personagens principais. São protagonizadas questões pessoais dos personagens e professores, ao mesmo tempo em que a sala de aula e o ambiente escolar também são exibidos. Muitas vezes, as questões pessoais irão se envolver no ambiente escolar, mas iremos nos ater à forma como os professores e o ambiente escolar são representados durante toda a temporada da série.

O cenário alterna entre a Escola Maria Carolina de Jesus, a periferia de São Paulo e as casas dos professores. Na escola, onde a maior parte da trama se passa, temos um espaço amplo, porém bastante precário. O espaço, portanto, é composto por pátio, refeitório, banheiros, sala dos professores, diretoria, almoxarifado e salas de aula. A representação destes locais aponta uma questão retratada durante toda a série: a precariedade das condições das escolas públicas brasileiras.

O pátio onde os alunos ficam é de cimento batido, há um refeitório com mesas e cadeiras brancas. Os professores frequentam uma sala dos professores pequena, com armários para todos e uma mesa central. Há um almoxarifado e um espaço grande para as aulas de artes. Os banheiros têm cabines com vasos sanitários, pias e espelhos, são cheios de pichações nas paredes e apresentam certa precariedade. Muitas lâmpadas aparecem queimadas nos corredores.

As salas de aulas são compostas por cadeiras e carteiras em fileira, uma mesa dos professores e lousa com giz. Não há aparatos tecnológicos nas salas de aulas, porém há um ventilador de frente para os alunos sobre a lousa acoplado na parede e uma tomada ao lado da lousa. As janelas não apresentam cortinas e há uma porta na entrada da sala. Apesar de simples, o local é equipado para os professores trabalharem. É possível observar também que as salas de aulas têm pichações nas paredes e nos vidros das janelas, além de terem pôsteres com informações, frases e também com uma bandeira que representa a diversidade de gênero.

Os personagens principais são os professores e os alunos. Há também os personagens secundários que auxiliam para a existência dos conflitos na vida dos protagonistas. O corpo docente da série é formado pela protagonista e professora de Língua Portuguesa, Lúcia (Débora Bloch); a professora de História e Geografia, Sônia, (Hermila Guedes); a professora de Matemática, Eliete (Thalita Carauta), o professor de Artes, André (Silvio Guidane) e o diretor Jaci (Paulo Gorgulho).

Os alunos cujas histórias se destacam são Gislaine (Mariana Nunes), Dona Jurema (Teca Pereira), Javier (Gabriel Díaz), Alejandra (Rosalva Vanessa), Sílvio (José Dumont), Alberto (Marcos Winter), Solange (Carol Duarte), Maicon Douglas (Felipe Simas), Natasha (Linn da Quebrada) e Renata (Raquel Ferreira), dentre outros.

A abertura da série é feita na metade do episódio com a música “Comportamento Geral” na voz da intérprete brasileira Elza Soares, que tem um teor muito social, destacando os sofrimentos e humilhações que a população marginalizada sofre, como nos versos “Você deve aprender a baixar a cabeça / e dizer sempre: muito obrigado! / São palavras que ainda te deixam dizer / por ser homem bem disciplinado / Deve, pois,

só fazer pelo bem da nação / Tudo aquilo que for ordenado / Pra ganhar um fuscão no juízo final / E diploma de bem-comportado”.

Imagens de São Paulo são exibidas junto com imagens que representam o cotidiano dos alunos da periferia e, mais especificamente, dos personagens da série. Imagens da escola, de papéis, lápis, lousa, quadra, números e a própria sala de aula também são mostradas. A abertura se encerra com o título “Segunda Chamada” e os armários no corredor da escola de plano de fundo.

A cada episódio o público é convidado a pensar e a problematizar inúmeras questões relacionadas à educação, tais como o direito à educação; escolarização de jovens e adultos e sua docência; o acesso à cidade e à cidadania. Além disso, a série nos convida a refletir sobre o cotidiano e a sua dureza, ao mesmo tempo em que é permeado pelo contexto do racismo, da xenofobia, do desemprego, da intolerância e das desigualdades sociais, presentes no cotidiano escolar e promotoras dos atritos que se dão nesse espaço (FERREIRA, 2021).

Deve-se destacar que, ao final de cada episódio, a série toma uma abordagem bastante inusitada: há o breve relato de alunos e professores reais do Ensino de Jovens e Adultos, que falam da importância da escola em suas vidas e da profissão de educador. Os alunos contam suas trajetórias começando ou voltando a estudar já adultos e os professores contam os desafios e vitórias das situações que vivenciaram, com uma sala de aula como plano de fundo da filmagem. Estes depoimentos são realizados ao final de todos os episódios da série, apresentando professores e alunos diferentes em cada um deles.

O professor representado na série *Segunda Chamada*: do herói ao sujeito afogado por sua realidade

Em *Segunda Chamada*, a imagem docente está associada ao heroísmo, porém, ao mesmo tempo, apresenta-se uma ideia de desvalorização do professor. Tal desvalorização guarda relação com o retorno financeiro, bem como em relação ao reconhecimento social desse profissional da educação e suas condições de trabalho. Assim, retrata-se o professor que trabalha “(...) em mais de uma escola (Sônia) e em mais de um turno (Sônia e Paulo) ou que comercializam, no ambiente escolar, produtos de beleza (Eliete), o que é proibido segundo o regimento escolar, para complementar a renda” (FERREIRA, 2021, p.7).

O heroísmo da figura docente pode ser exemplificado com a descrição da cena a seguir: a professora Lúcia e o diretor Jaci estão debatendo sobre a evasão escolar. Lúcia está preocupada por um aluno, em especial, deixar a escola. Como resposta o

diretor escolar afirma ser esta atitude comum no período noturno. Lúcia se mostra bastante contrariada e afirma que os alunos podem desistir da escola, mas que ela não irá desistir dos seus estudantes.

Na cena seguinte, emerge o contexto da desvalorização profissional, manifesta nas condições de trabalho ofertada aos professores da escola pública brasileira. Assim, ao sair da sala do diretor, Lúcia conhece Marco André, o novo professor de artes e se oferece para apresentar a escola para ele. É a primeira vez que ele dá aula em uma escola pública e Lúcia percebe isso quando caminham por um corredor que está com uma lâmpada falhando. Ela afirma que isto acontece desde o mês passado e ele questiona por que ainda não havia sido trocada. A protagonista então questiona: “Primeira vez dando aula em escola pública, não é?!”, ele afirma: “Primeira vez” ao que Lúcia responde: “Então se prepara que aqui é curto-circuito todo dia”.

De acordo com Fabris (2010, p.237) as representações acima indicadas “são necessárias para a construção da pedagogia do herói, ou seja, professores e professoras têm que enfrentar desafios para que possam realizar os atos de heroísmos”. Assim, na série **Segunda Chamada** o heroísmo reside em, apesar das difíceis circunstâncias e condições de trabalho, o professor permanecer combativo, firme em seus valores pela formação e educação dos seus estudantes.

O curto-circuito mencionado por Lúcia indica as dificuldades enfrentadas pelos docentes, em seu cotidiano profissional. Nesse sentido, convém mencionar uma cena em que o carro de um professor não está mais estacionado no local onde havia sido deixado. O diretor diz que irá comunicar que o carro de um professor sumiu e afirma que, assim, o carro logo aparecerá, pois apesar dos problemas, para os alunos “a escola é sagrada”. O professor Marco dá a ideia de chamar a polícia, mas o diretor o repreende, explicando que existem três comunidades ao redor da escola, e chamar a polícia seria o mesmo que causar uma guerra.

De acordo com Fabris (2010) é no contexto caótico da escola que a figura heroica do professor pode emergir, nesse sentido:

As escolas são representadas como locais de não-saber (conhecimentos) e de não-ser (educado), onde se travam conflitos dos mais variados, desde tráfico de drogas e gravidez precoce até violências físicas, etc. É um reduto da violência urbana, mas, ao mesmo tempo, é essa escola que, na figura de um professor herói, milagreiro e santo, pode transformar a situação (FABRIS, 2010, p. 239).

A desvalorização salarial do professor é retratada em diversas ocasiões da série: seja pela aparência física docente, também marcada pelo cansaço e desgaste, como pelo

modo em que ele chega ao trabalho ou se desloca pela cidade de São Paulo (em transporte público) e nas ações implementadas tendo em vista a ampliação de sua renda. No segundo episódio, por exemplo, a professora Eliete é apresentada vendendo cosméticos na sala dos professores. Ela é até criticada por Sônia que afirma “Isto aqui não é a 25 de março não, Eliete”. Em outros momentos, a série enfatiza os deslocamento de ônibus, mostrando mais uma realidade dos professores que muitas vezes também não têm condições para ter um veículo próprio.

É relevante destacar que a série apresenta um professor desamparado dentro do espaço escolar. Tal desamparo cria um sentimento de desesperança e negatividade em relação à profissão, expresso pelas boas vindas – com toque de ironia - da docente Sônia ao jovem professor ingressante: “bem-vindo ao paraíso, Marco André.”

De acordo com Cunha (1999) três pontos contribuem com a desmotivação docente. O primeiro deles envolve a desvalorização do magistério, vinculada à questão salarial. O segundo ponto envolve a modelização escolar, fruto da legislação contemporânea. O terceiro ponto, por fim, envolve as condições materiais de trabalho, as quais terminam por dificultar a implantação de um ensino de qualidade.

Em termos materiais, a Escola Estadual Carolina Maria de Jesus é retratada com elementos que indicam a falta de investimento público em educação. Suas paredes são pichadas, há falta de iluminação, os ventiladores estão quebrados, os banheiros são sujos e há marcas de tiros nas paredes. No terceiro episódio, a condição precária da escola é retratada em um dia de chuva. Nas cenas apresentadas vemos a sala de aula totalmente alagada e os alunos tentando enxugá-la, utilizando baldes embaixo das goteiras e secando o chão com panos. As salas possuem goteiras, o que faz com que os estudantes acompanhem as aulas fazendo uso de guarda-chuvas e capas impermeáveis.

Ainda no terceiro episódio e reafirmando a descrença docente e sua desmotivação, como fruto da sua condição de trabalho, a Professora Sônia encontra uma fotografia antiga de quando começou a dar aula. Seu aluno Marco diz que ela não mudou nada e ela afirma que mudou sim, pois naquela época era cheia de gás, mas agora morrera afogada pela realidade.

O aluno representado na série Segunda Chamada

Além de apresentar as dificuldades que se fazem presentes na vida dos educadores, a série **Segunda Chamada** retrata alunos adultos, inseridos em suas rotinas e dramas pessoais, ao mesmo tempo que vislumbram na educação uma oportunidade de

mudança de vida. Os estudantes retratados trabalham durante o dia e estudam durante a noite, sendo natural do seu cotidiano o enfrentamento dessa dupla jornada (GOMES, 2021).

Esses alunos estão inseridos na modalidade de ensino denominada Educação de Jovens e Adultos. Essa modalidade destina-se ao público que não completou, abandonou ou não teve acesso à educação formal na idade apropriada. Na série em questão, são retratados alunos com idades variadas, que enfrentam contextos de vida diferentes, tendo como ponto em comum o enfrentamento da desigualdade social. De acordo com Torres (2020, p. 54), na série **Segunda Chamada**, os alunos:

lidam com dificuldades as mais diversas, oriundas de suas vidas precarizadas, desprovidas de estrutura familiar e social, e que, em comum, têm a escola como um espaço de apoio, de reconhecimento e de projeção de algum futuro.

Os alunos possuem diferentes origens e histórias, motoboy, ex-presidiária, imigrantes, dona de casa, catador de material reciclável, porém todos contam com um ponto em comum:

são pessoas que estavam à margem do sistema e que não conseguiram completar o ensino básico como muitos brasileiros. Uma característica forte nos alunos da EJA é a baixa autoestima. Eles se sentem incapazes de aprender, quando na realidade não tiveram a oportunidade de frequentar os estudos (GOMES, 2021, p.54).

Diante das dificuldades de vida dos seus estudantes, a escola é apresentada como espaço capaz de acolher e sustentar seus alunos, enquanto os mesmos buscam soluções para os seus dramas pessoais. Os professores, por sua vez, apresentam-se como intercessores, construindo em torno da escola uma imagem de espaço seguro, onde os estudantes podem ter com quem contar.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estudo aqui apresentado nasceu do interesse em relacionar a teoria da representação social, de Serge Moscovici, com a análise das imagens da escola, do professor e do aluno retratados na série televisiva *Segunda Chamada*. A questão principal partia da problematização do modo como a escola e os professores são representados em uma série de canal aberto, exibida em horário nobre, poderia impactar a maneira como as pessoas organizam seu imaginário coletivo e seu senso comum diante da profissão docente.

Na série em questão, a figura docente transita entre dois extremos: a figura do professor herói, que tudo enfrenta e a tudo resiste; e a figura do professor desvalido, que se encontra profundamente desamparado em seu cotidiano e ambiente profissional. A dura realidade da escola noturna pública, voltada à educação de

adultos, emerge nos elementos estéticos da produção televisiva, desde o cansaço do professor, manifesto em seu olhar, às goteiras presentes na sala de aula.

Este cenário que apresenta as condições de trabalho do professor, termina por impactar o imaginário social coletivo e até suas escolhas profissionais. Em termos de repercussões práticas, quando se observa as escolhas profissionais dos jovens, apenas 3% manifestam interesse pela carreira docente na educação básica pública (BRITTO; WALTEMBERG, 2021).

Tal como retratado na série, a profissão docente no Brasil enfrenta um conjunto de problemas “que possivelmente afugentam certos grupos de jovens com potencial de converter-se em bons professores, como, por exemplo, aqueles com destacado desempenho acadêmico.” (BRITTO; WALTEMBERG, 2021).

Moriconi (2008), em estudo acerca da remuneração dos professores da escola pública, identificou que um professor de escola pública recebe 36% menos do que outros profissionais qualificados, considerando-se o setor privado. Em relação aos docentes do setor privado, os professores da educação pública recebem 19% a menos. Em termos de tempo de carreira, o salário inicial docente é pouco atrativo quando comparado com o de outras profissões, seja no espaço público ou privado. Essa diferença tende a se aprofundar com o passar do tempo, tornando a profissão pouco atrativa também a longo prazo.

As condições de trabalho, para além do aspecto salarial, também afetam o interesse pela profissão. Salas lotadas, escassez de recursos materiais, violência, sobrecarga de trabalho, entre outros elementos, agravam o desprestígio e desvalorização profissional (PENNA, 2011).

Ao tomar a representação social como uma teorização coletiva sobre a realidade, onde valores e ideias são compartilhadas pelos grupos sociais, no esforço dos sujeitos em compreenderem o mundo, a série **Segunda Chamada** nos serve como um alerta: como no Brasil a escola e o professor estão sendo tratados? Estamos nós no caminho correto? Que estas perguntas permitam a nós, trabalhadores e estudantes da educação, repensarmos os rumos da escola em nosso país.

REFERÊNCIAS

ALEXANDRE, M. O papel da mídia na difusão das representações sociais. **Comum**, Rio de Janeiro, v. 6, n. 17, p. 111-125, jul-dez, 2001.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. Representações sociais: desenvolvimentos atuais e aplicações à educação. In: CANDAU, V. M. (Org). **Linguagem: espaços e tempo no ensinar e aprender**. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO (ENDIPE), 10., Rio de Janeiro. Anais... Rio de Janeiro: LP&A, 2000.

BRITO, A. ; WALTENBERG, F. Atratividade da carreira de professor da Educação Básica pública no Brasil. **Cede** – Centro de estudos sobre desigualdade e desenvolvimento. Informe de Política Pública, no.1, 2021. Disponível em: <https://www.ie.ufrj.br/images/IE/grupos/cede/2021/publica%C3%A7%C3%B5es/informes%20de%20pol%C3%ADtica%20p%C3%ABlica/IPP-001-BRITTO-A-WALTENBERG-F.-2021.-Atratividade-da-carreira-de-professor-da-Educacao-Basica-publica-no-Brasil.pdf>. Acesso em: 28 ago 2022.

CHARTIER, R. **A História Cultural: Entre Práticas e Representações**. Tradução de Maria Manuela Galbardo. Lisboa: Difel, 1988.

CHAVES, S. N. Um currículo para despertar adultos e adormecer crianças. In: CHAVES, S. N.; SILVA, C. A. F; BRITO, M. R. (Orgs.). **Cultura e subjetividade: perspectivas em debate**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016, p. 215-126.

CODATO, Henrique. Cinema e Representações Sociais: alguns diálogos possíveis. **Verso e Reverso**. Minas Gerais, v. 26, n. 55, p. 47-56, jan./abr. 2010.

CRUSOÉ, N. M. de Castro. A teoria das representações sociais em Moscovici e sua importância para a pesquisa em educação. **APRENDER** – Caderno de Filosofia e Psicologia da Educação. Vitória da Conquista, n.2, p. 105 - 114, 2004.

CUNHA, M. I. **O bom professor e sua prática**. São Paulo: Papyrus, 1992.

FABRIS, E. T. H. A pedagogia do herói nos filmes Hollywoodianos. **Currículo sem Fronteiras**, v. 10, n.1, p. 232-245, jan./jun. 2010.

FERREIRA, J. A. Segunda chamada: a representação do professor de arte na Educação de Jovens e Adultos. **Tear: Revista de Educação, Ciência e Tecnologia**, v.10, n.1m, 2021.

GOMES, C. A representação midiática da Educação de Jovens e Adultos no Brasil a partir da série 'Segunda Chamada'. **Revista Miguel**, n.4, jan./jun., 2021.

HADDEFINIR, H. Segunda Chamada – 1ª temporada. **Omelete**, 2019. Disponível em: <https://www.omelete.com.br/series-tv/criticas/segunda-chamada-globo>. Acesso em: 28, mar. 202.

JARA, A. C. R P. **Uma representação da identidade docente em Malhação**, 283f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da USP. São Paulo, 2013.

JUNQUEIRA, L. A noção de representação social na sociologia contemporânea. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, 2005, p. 145-161. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/estudos/article/view/119>. Acesso em: 21 fev. 2022.

MOREIRA, Diego. G. “A gente se liga em você”: reconfigurações da TV Globo em um cenário de convergência midiática. **Galáxia**. São Paulo, 2012. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/galaxia/article/view/7012>> Acesso em 05/05/2021.

MORICONI, G. M. **Os professores públicos são mal remunerados nas escolas brasileiras?** Uma análise da atratividade da carreira do magistério sob o aspecto da remuneração, Dissertação de mestrado, FGV, São Paulo, 2008.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. 11. ed. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

PADIAL, M. N. **O professor e sua figura no cinema: uma análise da docência e da educação escolar retratada em dois filmes hollywoodianos**. 113f. Dissertação

(Mestrado em Educação: história, política e sociedade). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2010.

PENNA, M. G. de O. **Exercício docente:** posições sociais e condições de vida e trabalho de professores. São Paulo: Fapesp, 2011.

RIBEIRO, R. M. Segunda Chamada: sucesso de audiência antecipa nova temporada. **Metrópoles**, 2019. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/entretenimento/televisao/segunda-chamada-sucesso-de-audiencia-antecipa-nova-temporada>>. Acesso em: 28 mar. 2021.

SANTOS, P. I. **Profissão docente:** um estudo das representações sociais do ser professor, 2010. 116 p. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

SPINK, M.J. O estudo empírico das representações sociais. In SPINK, M. J. (org.) **O conhecimento no cotidiano: as representações sociais na perspectiva da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense, 1993.

TORRES, G. A escola em Segunda Chamada: uma análise da narrativa ficcional. In: Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação, 43º, 2020, virtual. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-1090-1.pdf>. Acesso em: 04 jun. 2022.

Contatos: marianacajado@gmail.com e milena.silva@mackenzie.br